Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 374

11 DE MAIO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Já ha tempos que tinhamos visto noticiado nos jornaes a publicação d'um livro intitulado *Os Encarcerados*, escripto em italiano pelo dr. Marro e traduzido para portuguez pelo sr. Antonio d'Azevedo Castello Branco, sub director da Penitenciaria de Lisboa, mas nunca esse livro nos chegára ás mãos.

Chegou-nos hontem: é um livro pequeno de capa encarnada, editado pelo sr. Henrique Zeferino, o conhecido livreiro da rua dos Fanqueiros,—é quasi um opusculo; não chega a ter duzentas paginas, formato pequeno e lê-se n'um abrir e fechar d'olhos.

Folheamol-o com certa curiosidade, começamos a lêr a discripção e as considerações sobre as cadeias italianas, que são realmente interessantes e bem feitas, mas quando chegámos ás ultimas cincoenta paginas do livro é que a historia nos prendeu deveras. Effectivamente nas cincoenta paginas, consagradas ás notas com que o sr. Azevedo Castello Branco enriqueceu o livro — e aqui o verbo enriquecer não vem banalmente como synonymo de augmentar, vem na sua accepção estricta—são interessantissimas e cheias de revelações curiosas, de factos importantissimos, alguns dos quaes chegam a ter uma grande importancia scientifica, e não devem passar de forma alguma sem miuda analyse e largas investigações.

Então um d'elles principalmente é deveras extraordinario e envolve a resolução d'um importantissimo problema—o caso do ex-alferes Marinho da Cruz.

O sr. Azevedo Castello Branco não lhe cita o nome, e escusa bem de o citar, as indicações que dá são mais do que as precisas—um moço que está cumprindo sentença na Penitenciaria, que tivera elevada educação scientifica, de que dera provas sobre tudo nos estudos mathematicos, que praticou um homicidio e cuja responsabilidade moral fôra muito discutida nos tribunaes e na imprensa, sendo os illustres alienistas os drs. Senna, Julio de Mattos e Marcelino Craveiro de parecer que o criminoso era um epileptico, parecer que os tribunaes não abraçaram.

É claro como agua que é o infeliz Marinho da Cruz, que hoje já não tem um nome, tem apenas um numero, o protogonista da historia verdadeiramente extraordinaria que o sub-director da Penitenciaria conta, e de que portanto não ha fórma alguma de duvidar da sua authenticidade.

A historia é esta.

Marinho da Cruz uma noite sonhou que tinha sido chamado ao gabinete do director da cadeia. Foi, e ao entrar no gabinete viu com grande admiração a um canto Torcato Tasso vestido com o uniforme de recluso da penitenciaria e com uma corôa de louro sobre o seu capuz.

O director da Penitenciaria disse então a Marinho da Cruz.

— Este é o grande poeta italiano Torcato Tasso que vae fazer-lhe companhia.

Marinho sahiu com elle para a sua cella, e chegados que foram ahi, depois de conversarem um bocado sobre a crueza do seu destino, o Tasso começou a ler em voz alta a sua *Jerusalem Libertada* e Marinho da Cruz á porpoção que o Tasso ia lendo ia traduzindo para portuguez aquellas monumentaes estrophes.

Pára aqui o sonho.

Quando Marinho da Cruz sonhava que estava a traduzir a *Jerusalem*, lida em italiano pelo Tasso, a sineta da Penitenciaria deu o toque de levantar e Marinho accordou extremunhado sob a impressão enorme d'esse sonho tão nitidamente vivido. E essa impressão fora tão grande, o sonho ficara-lhe tão claramente gravado na memoria, que, lembrando-se ainda da versão que acabava de fazer da primeira estrophe a escreveu a correr no primeiro papel que encontrou.

O sub-inspector viu essa estrophe que Marinho lhe mostrou contando-lhe a historia do seu singular sonho, com todas as minuciosidades mais pequenas, com uma tal convicção de verdade, que se via claramente que não era uma invenção do preso, e que effectivamente as coisas se tinham passado como elle as dizia. A estrophe traduzida durante o sonho é a seguinte.

Para se avaliar bem a fidelidade e a belleza extraordinaria da versão damos as

SUA ALTEZA REAL A PRINCEZA GUILHERMINA

HERDEIRA PRESUMPTIVA DO THRONO DA HOLLANDA

(Segundo photographia)

duas estrophes — a original e a traduzida, como nas suas notas o faz o sr. Azevedo Castello Branco. Em italiano a estrophe é assim.

Canto l'arme pietose e l'capitano
Che il gran sepolcro libero di Christo:
Molto egli oprò col senno e con la mano
Mo to soffri el glorioso acquisto
In van l'Inferno a lui s'oppose e in vano
S'armó d'Asia e de Libia il popol'misto,
Che il ciel gli diè favore e sotto ai Santi
Segni ridusse i suoi compagni errante.

A traducção de Marinho da Cruz é assim:

As pias armas canto e o capitão.
Que de Christo o sepulcro portentoso
Alcançou libertar da escravidão,
Peito de martyr, braço valeroso
Armas d'Africa e d'Asia ajusta em vão
Satanaz contra o facto glorioso!
O ceu defende e restitue clemente
Ao santo Labaro a dispersa gente,

A traducção como vemos, é um verdadeiro primor, reproduz com uma fidelidade enorme os versos do Tasso, uns versos portuguezes que fazem lembrar Camões.

Feita cuidadosamente, laboriosamente por qualquer poeta erudito esta estrophe seria realmente admiravel, porque não apparecem por ahi muitas traducções como esta, mas feita em sonhos por um homem que não é litterato nem poeta é mais do que admiravel, é um verdadeiro problema a resolver.

Defronte d'ella não deve haver uma admiração, mas sim uma interrogação.

O sr. Azevedo Castello Branco citando este facto realmente assombroso, faz essa interrogação, mas limita-se apenas a fazel-a, não busca responder.

O seu commentario cifra-se n'estes dois versos tão celebres:

Digam agora os sabios na Escriptura
Que segredos são estes da natura.

Nós antes de interrogarmos os sabios preferimos interrogar creaturas de esphera mais inferior e mais moderna, *os reporters*.

Este caso pede, exige, antes de qualquer commentario uma *reportage* miniciosamente feita.

Que o facto é realmente extraordinario é inegavel, está provadissimo; mas é necessario saber-se as condições em que elle se deu, e muitas circumstancias anteriores a elle.

Primeiro, se Marinho da Cruz tem feito versos, e bons versos, se é poeta e poeta a valer como esta estrophe o demonstra.

Que elle foi um estudante distincto sabe-se, mas um estudante distincto em sciencias, em mathematica, especialmente, que não é precisamente um curso de poesia.

Se Marinho da Cruz conhecia muito a *Jerusalem Libertada*, se a tinha lido muitas vezes, ou uma vez apenas, e quando, se ha muito se ha pouco tempo.

Se conhecia algumas traducções portuguezas das estrophes do Tasso, ou se alguma vez pensaria em traduzil-o.

Estas investigações são necessarias, e valem bem a pena fazerem-se porque o facto seja como fôr é extremamente curioso, mas se se provar que Marinho da Cruz não é poeta, nunca fez versos, e nunca leu a *Jerusalem Libertada*, então esse facto passa para o numero dos phenomenos mysteriosos do espirito humano, perante os quaes a sciencia dos homens para impotente, e que dão origem e rasão de ser as theorias extranhas do mundo psychico, que ha seculos tanto agitaram as sociedades europeas, e que ultimamente se erguem de novo no mundo moderno com uma grande insistencia; theorias de que muitos se riem, mas que a outros faz scismar.

E era por tudo isto que nós tinhamos uma grande curiosidade e que nos parece que a sciencia teria muito interesse em que essas investigações, essa *reportage* se fizesse.

No mundo mysterioso dos sonhos ha cousas verdadeiramente assombrosas, e que fogem a qualquer explicação.

Um sonho que outro dia nos contaram e cuja authenticidade garantimos está n'esses casos.

Um nosso amigo, casado com uma mulher a quem estima muito e de quem tem uns filhos que adora, teve em tempo, em solteiro, uns amores com uma rapariga de quem gostou immenso: um romance de rapaz.

Passaram-se annos, os dois nunca se encontraram; os accasos da vida levaram a rapariga a fazer-se actriz, e elle um dia, no cabo de longos annos d'ausencia encontra-a n'um theatro.

Faz-lhe uma ligeira impressão esse encontro, mas uma impressão que apparentemente passa logo.

D'ali a noites, quando já n'isso não pensava tem um sonho esquisito.

Sonha que encontra essa sua antiga paixão no theatro, que falla com ella e que reatam o seu romance.

Ella porém impõe a essa reconciliação umas condições dolorosas, o elle abandonar a mulher e os filhos.

Elle hesita, ella insiste.

A idéa de abandonar o seu lar, sua esposa, seus filhos a quem estremece, aterram-n'o; ao mesmo tempo ella seduz-o, fascina-o com a sua enorme belleza.

No espirito d'elle da-se uma lucta medonha, e muito agitado, querendo repellir aquella tentação que o tortura, senta-se no leito d'um impeto e accorda.

Accorda, olha para todos os lados, e sente-se feliz ao reconhecer que está no seu quarto, que tudo aquillo fôra um sonho, um pesadello.

Ao seu lado porém ouve soluçar.

Volta-se era sua mulher que estava dormindo e chorando.

Accorda-a.

Ella abre os olhos afflicta e murmura:

— Ai! que horrivel sonho.

— O que foi?... Estavas a sonhar!

— Estava; um sonho medonho, estava a sonhar que tu me ias abandonar a mim e a nossos filhos?

E agora commento eu unicamente, como o sr. Castello Branco commentou a traducção da estrophe do Tasso:

Digam agora os sabios na Escriptura
Que segredos são estes da natura.

Na occasião de fêrmos estas provas somos infelizmente obrigados a accrescentar-lhes uma noticia para fechar a nossa chronica d'hoje, uma noticia tristissima — a da morte de Campos Valdez.

Essa noticia vinda no dia 8 de Paris n'um telegramma laconico, causou enorme surpreza, e profunda sensação a toda a gente.

Campos Valdez era uma das physionomias mais sympathicas da nossa sociedade, uma das individualidades mais em evidencia na vida lisboeta.

Filho d'uma familia distincta, apparentado com muitas das familias mais illustres e nobres da nossa terra, distincto elle proprio pelo seu caracter, pelo seu coração, pela sua bondade realmente excepcional, pelas suas aptidões artisticas notabilissimas, Campos Valdez era adorado por toda a gente que o conhecia, e a sua funcção de emprezario do theatro de S. Carlos fazia-o conhecido de toda a gente.

Ha dias Campos Valdez partiu para Paris e Italia para completar o elenco da companhia que devia funccionar na proxima epoca no theatro de S. Carlos, que no mez de março lhe fôra adjudicado por mais cinco annos.

Em Paris, no dia 7 do corrente, estando ás 10 horas a almoçar no Hotel foi accommettido por uma congestão cerebral que o prostou logo, não deixando aos medicos que o viram a mais ligeira esperança de salvação. Effectivamente d'ali a tres horas, á 1 hora da tarde, Campos Valdez morria longe da sua terra, da sua casa, da sua esposa que elle estremecia e dos seus filhos que elle adorava.

Não é aqui, ao fechar d'uma chronica que podemos fazer a biographia de Campos Valdez. Profundamente surprehendidos e contristados pela morte d'esse excellente homem, d'esse querido amigo, d'esse notabilissimo director theatral, a aptidão mais completa e perfeita que n'esse genero temos conhecido na nossa terra, limitamo-n'os hoje a registar essa lugubre noticia que tão dolorosa impressão causou em Lisboa, e a enviar á familia do illustre morto os nossos mais sinceros e sentidos pezames.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PRINCEZA GUILHERMINA HERDEIRA PRESUMPTIVA DO THRONO DA HOLLANDA

Ao terminarmos o artigo com que no ultimo numero do OCCIDENTE acompanhamos os retratos dos reis da Hollanda, diziamos que o rei Guilherme, em breve assumiria de novo a governação do seu paiz, porque o seu estado de saude ia melhorando consideravelmente.

De facto assim foi, e no dia 3 do corrente o rei Guilherme assumiu o governo, cessando a regencia da rainha Emma na Hollanda e a do duque de Nassau no Gran-ducado de Luxemburgo.

Como dissemos no numero antecedente, o rei Guilherme só tem hoje uma filha, a princeza Guilhermina de que publicamos o retrato, e a qual conta apenas nove annos incompletos, como tambem dissemos.

Apesar de tão pouca idade o futuro d'esta princeza já preoccupa a politica, muito especialmente a do seu paiz, porque surgem certas complicações na successão do throno da Hollanda, por morte do rei Guilherme.

Pela morte do principe de Orange Guilherme Alexandre Carlos, terceiro filho do rei Guilherme, ficou sem successão directa o gran-ducado de Luxemburgo, tendo este que passar para a casa de Nassau de que é chefe o principe allemão Adolpho.

A fim de evitar que, na falta do rei Guilherme, o gran-ducado de Luxemburgo se afaste da corôa da Hollanda, projecta-se casar a infantil princeza Guilhermina com o principe Guilherme Alexandre filho primogenito do actual gran-duque de Luxemburgo, unindo-se assim os ramos das casas de Nassau, de Othon e de Walram que se acham separados desde os annos de 1225.

O principe Guilherme Alexandre tem trinta e sete annos, pois nasceu a 22 de abril de 1852, e ou seja pela grande desproporção de idade ou por outros motivos a que não é extranha a politica allemã, apparece tambem candidato á mão da princeza Guilhermina o principe Guilherme Ernesto Frederico da Prussia, filho mais velho do principe Alberto regente de Brunswick e da princeza Maria da Saxonia, o qual nasceu em 15 de Julho de 1874, pelo que tem apenas mais seis annos que a infantil princeza.

O DESTERRADO
ESTATUA POR SOARES DOS REIS

Publicamos hoje a pag. 108 uma gravura reproducção de uma photographia de Laurent, representando a estatua *O Desterrado*, a obra prima do grande esculptor e infeliz artista Soares dos Reis, cujo fim desastrado todos lamentamos.

Esta estatua foi feita em Roma e é a prova final dos seus estudos no estrangeiro.

Poucos pensionistas do Estado tem apresentado tão brilhante prova de aproveitamento dos seus estudos no estrangeiro, e correspondido tão cabalmente ao subsidio que o governo presta aos estudantes de Bellas-Artes, que tem ido fóra do paiz completar a sua educação artistica.

O Desterrado não é uma obra de um artista que apenas completa os seus estudos, é uma obra de mestre em que a par de toda a sciencia da modelação, se affirma um grande talento, na concepção da obra d'arte e no sentimento com que a arrancou á massa inerte e fria do marmore.

A meditação triste em que jaz *O Desterrado* devia sentir o seu auctor para tão bem a expressar n'aquella figura primorosamente modelada, em que a rigidez da pedra desapparece sobe a flexibilidade e naturalismo das formas humanas.

Esta estatua pertence á Academia Portuense de Bellas Artes, onde se conserva, e foi premiada na exposição d'Artes em Madrid de 1881, com uma primeira medalha, tendo querido o governo hespanhol adquiril-a para um dos seus museus d'arte, o que não se verificou, por ser esta obra propriedade da referida Academia Portuense.

Não quiz o governo hespanhol, porém, deixar sem premio o auctor de tão monumental obra, e conferiu-lhe o grau de cavalleiro de Carlos III de Hespanha.

Soares dos Reis teria produzido muitas outras obras notaveis se vivesse em França ou n'outro paiz em que as artes vivem tambem; em Portugal deixou-se vencer pelo desanimo que o nosso meio inspira aos artistas.

E é para isto que Portugal manda artistas estudar fóra!

Muito triste, e cruelmente verdadeiro!

O NAUFRAGIO DO VAPOR DANMARK

A gravura que publicamos a pag. 109 representa o naufragio do vapor *Danmark*, occorrido no dia 6 de abril ultimo, na altura dos Açores, naufragio de que o sr. Salom Buzaglo nos forneceu obsequiosamente alguns promenores, assim como um *croquis* pelo qual o nosso collaborador artistico o sr. José Pardal compoz o desenho que a nossa gravura reproduz.

O *Danmark* era um dos vapores mais antigos,

senão o primeiro da Companhia Dinamarqueza, *Danmark Dampskibs Selskabet* de Copenhagen. Foi construido em 1867 e tinha 2:482 toneladas.

Sob o commando do capitão Christian B. Knudsen, seguia viagem de Christiansand com destino a New-York, quando, na altura de 40°,6' W. de longitude e 46°,18' N. de latitude, se lhes partiu o veio da helice na parte mais proxima d'esta, alluindo as chapas da popa e divisões para o porão immediato, o que deu logar a entrar a agua em tal quantidade que as bombas não a podiam esgotar. Eram 4 horas da tarde quando se deu o sinistro e então o navio cedendo ao peso da agua que lhe evadia toda a ré, principiou a afundar-se á pôpa, não havendo mais tempo que o de arrear todos os escaleres e n'elles saltarem os passageiros e tripulação do vapor, em busca de salvação.

Quando isto acontecia passava á vista o vapor inglez *Missouri*, que seguia viagem de Londres para Philadelphia, o qual vendo o perigo em que se achava o *Danmark*, prestes a afundar-se no meio do Oceano, correu em seu soccorro, largando tambem escaleres para receber os naufragos.

O numero d'estes elevava-se a 734 pessoas, sendo 665 passageiros e 69 tripulantes. Todos foram salvos pelo *Missouri* á excepção do engenheiro machinista Peter Kaas, que morreu esmagado pela machina quando o navio se desconjuntou.

Ao capitão do *Missouri* sr. H. Murrell, de quem publicamos o retrato, se deve o salvamento de todos os naufragos, pela solicitude com que ordenou as manobras necessarias para soccorrer aquelles infelizes, recebendo-os todos a bordo do *Missouri*, para o que foi preciso alijar ao mar grande quantidade de fardos de lã afim de accommodar as mulheres e as creanças.

Este rasgo de caridade revelou os sentimentos humanitarios do capitão Murrell, que d'esde aquelle momento adquiriu o honroso titulo de benemerito da humanidade, salvando de morte eminente 734 pessoas.

Em New York acaba de ser feita uma ovação ao capitão Murrell e foi aberta uma subscripção n'aquella cidade para lhe offerecerem a elle e á tripulação do *Missouri* uma lembrança valiosa por tão humanitaria acção.

O *Missouri* arribou á ilha de S. Miguel onde desembarcou trezentos e tantos naufragos ficando a bordo outros tantos, na maior parte mulheres, que o capitão Murrell se promptificou a conduzir a New-York onde se destinavam.

Os naufragos desembarcados apesar do seu elevado numero, foram todos soccorridos com a maior solicitude pelo sr. Victoriano Sequeira, vice consul da Dinamarca, em S. Miguel, que lhes arranjou alojamentos convenientes até elles poderem seguir no seu destino, o que se effectuou no dia 27 do mez passado, embarcando a bordo de um vapor allemão que os conduzirá á America do Norte.

O *Danmark* e a carga que conduzia, no valor de 60:000 libras, estava tudo seguro n'uma companhia de Copenhagen.

O *Missouri* é de 1858 toneladas e levava 38 pessoas de tripulação.

No dia seguinte ao do naufragio nasceu a bordo do *Missouri*, uma creança filha de George Lenne, e foi baptisada com o nome de *Atlante Missouri*.

MONFORTE DO ALEMTEJO

Quem se apear da estação de Portalegre e seguir pela estrada que se lhe depara em sentido norte-sul, encontra Monforte.

A estrada muito plana, admiravelmente cuidada, é, comtudo, á vista impaciente do viajante, um pouco monotona. Atravessando sementeiras, geiras de legumes, restolhos e terras lavradas, raro nos satisfaz a anciedade descançando-nos o olhar sobre as paredes brancas de um casal, ou de um *monte* como costumam dizer no alto Alemtejo.

Esta estrada passa a tiro de bala das muralhas seculares do Castello que assenta em um monte que os antigos povoadores reconheceram *forte* contra os mouros, de onde a villa veio a tirar o nome de Monte-forte ou *Monforte*.

O Castello de Monforte forma uma aprazivel explanada, com vista desafogada para sudoeste. Ao norte e a leste desdobra-se a villa. Vê-se d'ali, em dias claros, Portalegre, as estradas para Vaiamonte, villa de Veiros e para a estação do caminho de ferro de leste.

Parece que foi el-rei D. Diniz I quem o edificou no anno de 1309, — tivera em principio cinco torres; não sendo possivel hoje verificar a existencia senão de trez, incluindo a denominada do *Relogio*. Teve quatro baluartes, porém, actualmente, com o alargamento da população, a muralha que circumdava a villa passa pelo meio d'ella.

* * *

É pois n'um alto, sendo vista a bastantes leguas, que está Monforte, cabeça do concelho do mesmo nome.

As suas ruas são em geral bem alinhadas, de bom piso, muito limpas, sendo a principal chamada do *Visconde da Luz* ladeada pelos magnificos palacios dos srs. André Chichorro da Gama Lobo e João Maria da Silva Sardinha, habitações cuja architectura lembra a despretenção dos fins do seculo XVII.

Esta rua é um lanço da estrada n.º 72, que vindo de Portalegre corta Monforte seguindo por Veiros até Extremoz, muito regular no *mac-adam* com bem talhadas bermas e valletas deixa á direita o Castello, erecto em uma eminencia que domina a villa e de cuja torre de menagem, transformada em bello terraço d'onde se descobre um horizonte de raio superior a 30 kilometros.

A leste, formando na planta um angulo de proximamente 90° com a rua do *Visconde da Luz*, parte a estrada que devendo atravessar Barbacena entra na praça militar de Elvas.

E dizemos *devendo*, muito de proposito pela razão que vamos desenvolver. Porque a verdade é que no mappa do districto de Portalegre se vê uma estrada municipal partindo de Monforte em direcção a Elvas por Barbacena. Porém não é assim, no terreno. A municipalidade de Monforte fez construir uma estrada, que o povo denomina *nova*, bordada de arvores que projectam sombra, levando da villa pela Azinhaga dos Olivaes e Cabeças da Atalaya, 9.087,m4 até ao limite do concelho. Mas d'aqui até Barbacena vão ainda 5 kilometros *por estudar!* Aqui então o caminho é pessimo, accrescendo a necessidade de atravessar um ribeiro que na estiagem, ainda assim, leva agua de altura a cobrir os cubos das rodas de qualquer trem que o passe. Por isso dizemos que a estrada *deve* passar por Barbacena, mas não passa porque não chega lá... faltam-lhe para isso so cinco kilometros! E quando o viajante consulta o mappa vê uma estrada de *Monforte para Elvas* que não existe!

* * *

No povo de Monforte ha espirito trabalhador, respira-se ali um conforto e aceio que contrasta com a miseria das grandes cidades. Não vimos ninguem roto, nem a pedir esmola!

Monforte é uma villa importante do Alemtejo, e, segundo as melhores estatisticas a sua população é de 1.173 habitantes: a do concelho, segundo o *Annuario Estatististico de Portugal* é de 5.219 almas, distribuidas por oito freguezias.

As familias brazonadas do concelho, como facilmente se deprehende das armas postas em escudos de marmore pelas muralhas e pelas egrejas, são Juzartes, Almeida Barradas e Gama Lobo.

A egreja principal da villa é a de Nossa Senhora da Graça, e, nos campos em redor da encantadora villa ha umas clareiras suaves de pequenas ermidas: S. Sebastião, Espirito Santo, S. Domingos e S. Gião — que, na sua alvura, põem no verde purissimo dos campos a mesma nota alegre com que os malmequeres e giestas matisam a relva.

Postados na falda do castello, vemos, na direcção sul proximamente, lá muito em baixo, correndo sob uma ponte vetusta que decerto foi pisada pelos mouros, a ribeira de Leça ou Lecco.

Esta ribeira que vae no rumo da Villa de Fronteira, creio que nasce proximo de S. Pedro do Algalé.

Não o sei ao certo. Vi porém que a ribeira de Lecca, — nome que lhe dá uma publicação official do ministerio das obras publicas — é um affluente da ribeira Grande, como a de Almuro, e passa ao sul de Monforte, deixando avistar o seu curso até uma grande distancia porque das suas margens se elevam altos choupos dirigindo o olhar do viajante por todos os seus zig zags até se perder na affluente do rio Aviz, que por seu turno lá vae lançar-se no Sorraia que antes de Cair no Tejo banha a villa de Benavente.

* * *

Os edificios publicos principaes, são a casa da camara, bella construcção onde funcciona a administração do concelho e mais repartições do estado; o club Monfortense, salão terreo com bilhar e gabinete de leitura; e o theatro da villa, estabelecido no historico convento das freiras franciscanas da invocação do Bom Jesus, que é um dos mais antigos edificios de Monforte, por isso que a sua construcção remonta ao anno de 1513 em que o fundou Fernão Rodrigo Montoso.

Pouco tempo tive para colher informações dos monfortenses, que ainda assim pouca fé poderiam fazer por muito contradictorias; e é pena que em Portugal não haja, como lá fóra, publicações que conduzam o chronista na investigação historica retrospectiva do que observou. Por isso não consegui saber porque o convento das freiras, abolido em 1834 por Joaquim Antonio de Aguiar, passou de casa religiosa a praça de touros, onde ainda se vêem o touril, trincheiras e vasta arena, — e tornado em theatro ultimamente, para recreio das gentis monfortenses.

Estão por ali os costumes ainda no rigorismo hypocrita do seculo XVIII. Não se vê uma senhora na rua! e raro é assomar ao peitoril das janellas o busto d'uma mulher.

E não porque sejam feias — mercê de Deus! — pois tive occasião de apurar esta verdade pela caridade christã com que o prior de Monforte me fazia ouvir missa quazi todos os dias. A mofortense não falta a uma festa religiosa, e, como o chapeu é ali ainda uma nota discordante, encafua a cabeça dentro do *bióco* o traste mais horroroso que se ha visto.

Imagine-se uma mantilha avançando por sobre a testa uma pala de comprimento não inferior a um palmo, forrada de preto; e temos o repulsivo *bióco*. Comtudo este terrivel adorno não impede que as suas donas sejam muito affaveis para os que se arriscam a affrontar o incommodo *bióco*.

* * *

Ali, entre o povo monfortense felizmente ainda se não conhece o virus delapidado do *turf* ou da *haute gomme*; e, francamente antes o *bióco* do que as *bas-bleus*.

Talvez podessemos dar mais amplo noticia da villa e seus arredores, mas os monfortenses são remissos a informações: — uns, porque na ignorancia do fim a que ellas miram se arreceiam de *novos impostos (!)*, — outros, porque na absoluta ignorancia historica do seu paiz pouco mais poderão dizer, ou indicar precisamente, senão a superficie ou limites de algumas propriedades.

M. B.

O ESCARAVELHO DE OURO

CONTO DE EDGAR POE

(Continuado do n.º 872)

«Continue; ardo de impaciencia.

«Certamente deve ter ouvido muitas historias, mil rumores vagos a respeito de dinheiro enterrado em um sitio da costa do Atlantico por Kidd e seus companheiros. Estes rumores necessariamente tinham algum fundamento, e se elles corriam ha tanto tempo e com tanta persistencia era porque, a meu vêr, o thesouro *se conservava* enterrado. Se Kidd escondesse o seu despojo n'um dado tempo e depois o tirasse, sem duvida que as vozes não teriam chegado até nós na sua forma actual e invariavel. Note que as historias contam sempre de pessoas que procuram dinheiro e nunca dos que o acham. Se o pirata houvesse recobrado o seu thesouro, nunca mais se falaria de semelhante cousa. Pareceu-me que um accidente qualquer, a perda da nota que indicava o local, por exemplo, o privara dos meios de o recuperar, e que esse accidente chegara ao conhecimento dos seus companheiros, que de outro modo nunca teriam sabido que tal thesouro fôra enterrado, e que por suas infructuosas pesquisas, sem guia nem dados positivos, deram motivo a esse rumor geral, a essas lendas ora tão communs. Ouviu alguma vez fallar de um thesouro importante que fosse enterrado na costa?

«Nunca.

«Mas é notorio que Kidd accumulara grandes riquezas. Tinha eu pois como certo que a terra as guardava ainda, e não será grande o seu espanto quando lhe disser que me animava uma esperança, esperança que chegava quasi a certeza, de que o pergaminho, encontrado de um modo tão singular, conteria a indicação perdida do sitio em que se escondera o dinheiro.

«Mas como procedeu o meu amigo?

«Expuz novamente o pergaminho á acção do

BELLAS-ARTES

O DESTERRADO — Estatua em marmore por Soares dos Reis
(Segundo uma photographia de Laurent)

fogo; e como nada apparecesse, occorrendo-me que as camadas de gordura poderiam de algum modo oppor-se ao bom exito, limpei cuidadosamente o pergaminho, deitando-lhe por cima agua quente, metti-o depois em uma caçoula de folha, com o desenho da caveira para baixo, e levei a caçoula á fornalha, onde ardia carvão em vez de lenha. Quando me certifiquei de que o vaso estava bem quente, tirei para fóra o pedaço de pergaminho, e, com indefinivel alegria, vi que em varios pontos d'elle havia uns signaes dispostos em linhas. Tornei a pol-o na caçoula e quando, passado um minuto, o retirei, estava como vai vel-o.

E dizendo isto, Legrand aqueceu de novo o pergaminho, e passou-m'o para a mão. Os seguintes caracteres estavam escriptos com tinta encarnada, entre a caveira e o cabrito:

53‡‡†305))6*;4826)4‡.)4‡);806*;4
8†8q60))85;1‡(;:‡*8†83(88)5*†;4
6(;88*96*?;8)*‡(;485);5*†2:*‡(;495
6*2(5*—4)8q8*;4069285);)6†8)4
‡‡;1(‡9;48081;8:8‡1;48†85;4)485
†528806*81(‡9;48;(88;4(‡?34;48)
4‡;161;:188;‡?;

«Mas, disse eu, restituindo lhe a tira de pergaminho; continuo a estar, como estava, ás escuras. Podiam bem offerecer-me todos os diamantes de Golconda para eu decifrar este enigma, que, com toda a certeza, nunca teriam o trabalho de m'os entregar.

«E comtudo, disse Legrand, a solução não é tão difficil como parece á primeira vista. Estes caracteres, como facilmente se póde adivinhar, formam uma cifra, isto é, teem um sentido; mas, pelo que se sabe de Kidd, eu não podia suppol-o capaz de construir um modelo da mais abstrusa cryptographia. Calculei pois desde logo, que este exemplar cryptographico, que á rude intelligencia do marinheiro devia parecer absolutamente insoluvel sem a chave, era de uma especie muito simples.

H. MURRELL — Commandante do vapor «Missouri»

(Segundo photographia de Raposo)

«E decifrou-o, realmente?

«Sem nenhum custo; tenho decifrado outros dez mil vezes mais complicados. As circumstancias e uma certa propensão fizeram com que eu tomasse interesse por estas adivinhações, e é muito duvidoso que o engenho humano pudesse crear um enigma de tal ordem que o mesmo humano engenho, com uma certa applicação, não podesse resolver. De facto, estabelecida uma combinação de caracteres legiveis, mal penso na difficuldade de lhe achar a significação.

«No caso presente, como em todos os casos de escripta enigmatica, o primeiro ponto a resolver é a *lingua* da cifra; porque os principios de solução, especialmente quando se tracta das cifras mais simples, dependem da indole de cada idioma e variam muito. Em geral vê-se o individuo na necessidade de (guiado pelas probabilidades) ensaiar diversas linguas que conhece, até encontrar a verdadeira. Mas na cifra de que se tracta, toda a difficuldade n'este ponto estava resolvida pela assignatura. O trocadilho sobre a palavra *Kidd* só é possivel na lingua ingleza. Sem esta circumstancia, teria começado os meus ensaios pelo hespanhol e pelo francez, como sendo as linguas em que um pirata dos mares hespanhoes mais naturalmente deveria escrever um segredo d'esta ordem. Como quer que seja, eu tomei-o por inglez.

(Continúa) *Francisco de Almeida.*

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XIII

— Eu não sei ao certo! acrescentou logo a Ermelinhas assustada com a transformação subita que a palavra «duello» produzira nas feições de seu irmão.

— Duello! tornou elle, sem fazer caso dos attenuantes de sua irmã, duello porque?...

— Não sei se é duello, insistiu a Ermelinhas.

— Ah!... então para que disseste que era duello...

— Porque pela insistencia d'elles em quererem por força fallar-te...

— Isso não quer dizer nada, pode ser algum negocio da companhia... Eu hoje não fui lá.

E mais animado com esta idéa, agarrando-se muito a esta nova explicação que o seu espirito lhe fornecia, da visita d'esses dois sugeitos que assim o vinham accordar, o Quim vestiu-se n'um momento.

— Prompto, disse elle ageitando o laço ao espelho.

NAUFRAGIO DO VAPOR DANMARK — Occorrido em 6 de abril de 1889, na altura dos Açores

(Desenho de José Pardal segundo *croquis* enviado da ilha de S. Miguel)

— Olha que tens um bigode para cima e outro para baixo, observou-lhe sua irmã, um pouco admirada de o vêr não fazer caso d'esse desequilibrio, elle que era sempre tão escrupuloso na *mise-en-scene* da sua pessoa, e que passava horas ao espelho a puchar os bigodes, a entufar-lhe as fartas guias.

O Quim ageitou então o bigode, sem convicção, mais por comprazer do que por outra coisa, e visivelmente preoccupado, apezar da explicação que arranjou para as tres visitas que o esperavam na sala, mas querendo comtudo fazer ainda das tripas coração disse em voz alta, resoluto:

— Vamos lá!

E com mão legeiramente tremula abriu o fecho da porta da sala.

XIV

O aspecto dos dois visitantes tranquilisou-o um pouco.

Eram dois rapazolas, quazi imberbes ainda, dois fedelhos: era evidente que não se podia tratar de nenhum negocio grave.

Os dois rapazes estavam em pé, junto da janella, conversando.

Ao sentirem mecher na porta e ao verem entrar o Quim, dirigiram-se para elle.

— Peço-lhes desculpa de os ter feito esperar, meus senhores, disse o Quim muito amavel, mas perdi a noite, e estava recuperando agora...

— Essa é boa, disse o mais velho dos dois rapazes, com a voz cava barytonal, de rapaz que está a passar para homem.

O Quim olhou então mais para elle e a grande tranquillidade que á primeira vista lhe dera o aspecto acreançado dos dois começou a cambalear.

O que lhe fallava era um rapazola ainda com certeza, teria os seus desesete ou desoito annos, mas era um tragalhadanças alto, robusto, com um pescoço forte e musculoso como o d'um boi, e um ar carrancudo de poucos amigos.

O outro não, o outro era mais fedelho, e tinha cara de mais bom rapaz, uma carinha de adolescente louro que sahiu hontem das primeiras letras.

E o Quim sympathisando muito mais com esse, achando muito mais garantias no seu ar juvenil e *bon enfant* dirigia-se-lhe de preferencia, e disse-lhe, indicando aos dois as cadeiras:

— Estou ás suas ordens. Queiram ter a bondade de se sentar.

Os dois sentaram-se.

O Quim inclinou-se cheio de attenções para o adolescente louro, esperando que elle dissesse ao que ia, mas quem fallou não foi elle, foi o outro, o latagão de voz barytonal.

— Nós somos portadores d'uma carta para Vossa Senhoria...

— D'uma carta? perguntou o Quim muito surprehendido.

— D'uma carta que nos pediram que entregassemos em mão propria e com a maior brevidade...

— Uma carta? repetiu o Quim, uma carta de quem?

— Do nosso amigo e condiscipulo o sr. Domingos Pereira, respondeu o barytono, tirando da algibeira com toda a solemnidade uma carta fechada n'um sobscripto que entregou gravemente ao Quim pondo-se em pé com toda a cerimonia diplomatica.

O Quim poz-se tambem em pé authomaticamente, e pegou na carta dizendo meio enfiado:

— Do Domingosinhos!

Os tres sentaram-se de novo, como movidos por molas, como se fazia n'aquella celebre scena da familia do *Barba Azul*.

O Quim abriu a carta e leu-a

A' proporção que a ia lendo ia enbranquecendo, e o suor escorria-lhe em fio pela testa, como se estivesse mettido n'um banho de vapor.

A carta dizia o seguinte:

Ill.

Ill.^{mo} Sr.

«Depois do que se passou hontem á noite em casa do meu respeitavel amigo o sr. Leitão, e em vista dos acontecimentos deploraveis que obscureceram a festa do anniversario natalicio da Ex.^{ma} Sr.^{a} D. Ignacinha, festa que devia ser brilhante e sagrada para todas as pessoas que tem a honra de ser das relações de Sua Ex.^{a}, e são admittidas á honra do convivio d'aquella respeitabilissima familia, cumpre-me participar a V. S.^{a} que tomando-o por principal e unico causador de todos os disturbios que perturbaram a serenidade d'aquella santa festa familiar, disturbios cuja gravidade assume a importancia d'um verdadeiro escandalo domestico em virtude do beijo ultrajante que V. S.^{a} depoz na fronte immaculada da progenitora Augusta da festejada anniversarista, beijo a cuja responsabilidade immediata se furtou covardemente motivando a quebra do candieiro de petroline as trevas a confusão e os prejuisos dos agasalhos que se lhe seguiram, cumpre-me participar a V. S.^{a}, que o considero um cobarde e indigno da estima de qualquer homem de bem e que o tenho pela mais abjecta e vil das creaturas, o que me apresso a communicar a V. S.^{a} para seu conhecimento e devidos effeitos.

E como depois de fazer uma offensa não tenho por costume fugir nem quebrar candieiros de petroline, os meus dois amigos, que scientes do contheudo d'ella se prestaram a ser portadores d'esta carta, esperam a resposta de V. S.^{a}, resposta que eu receberei em todos os campos, *todos* que V. S.^{a} entender dever dar-m'a.

Sem nenhuma consideração pelo seu caracter e pela sua pessoa, a quem esta carta esbofeteia moralmente

Domingos Pereira.

O Quim leu, releu, mordeu os beiços que estavam mais brancos do que o papel em que a carta era escripta, retorceu os bigodes, enguliu tres vezes em secco, passou a mão pelos cabellos, e reparando emfim que os dois portadores da carta o olhavam muito espantados, disse-lhes:

— Pois é verdade, eu esta noite não preguei olho.

Os dois, se espantados estavam com o silencio prolongado do Quim, ficaram deveras estupifactos com estas palavras que elle emfim pronunciara.

— E eu em não dormindo uma noite fico muito incommodado todo o dia seguinte, continuou o Quim.

Os dois olharam um para o outro e não disseram nada.

— Naturalmente os senhores que são muito novos ainda podem perder noites...

— Podemos, podemos perder noites, respondeu por fim o alto, o orador, podemos perder noites, mas o que não podemos é perder tempo.

— Ah! e n'isso tem razão, o tempo é a coisa mais preciosa que ha no mundo. Vejam lá os inglezes o que dizem: *Times is the money*. Os senhores sabem inglez?

O alto não respondeu. O adolescente louro a quem o Quim mais persistentemente se dirigia fez então ouvir pela primeira vez a sua voz, uma voz esganiçada de soprano sfogato:

— Sei, sim senhor, tive 15 valores no exame.

— Ah! distincção? muitos parabens, pois então sabe o que isto quer dizer, hein? O Tempo é dinheiro.

Os dois não disseram nada.

— E tem muita razão os inglezes, continuava o Quim prelecciomando, o tempo é uma preciosidade que poucos sabem avaliar devidamente, do bom aproveitamento do tempo...

— Perdão! interrompeu gravemente e seriamente o latagão, nós não viemos aqui para conversar, viemos para entregar a V. S.^{a} a carta do nosso amigo, e levar-lhe a resposta.

O Quim embatucou.

— Queira habilitar-nos a cumprir a nossa missão.

E dizendo, os dois ficaram á espera que o Quim respondesse.

O Quim porém nem para traz nem para deante: olhava para os dois sem saber o que responder.

— A resposta da carta, insistiu o mais alto.

— A resposta? perguntou emfim o Quim.

— Sim, o que havemos dizer ao nosso amigo o sr. Domingos Pereira.

— Ah! sim! Tenham a bondade de lhe dizer que fico sciente, que a carta ficou entregue.

Os dois olharam-se e olharam-n'o.

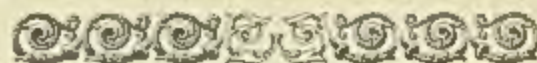
— Mais nada?

— Nada mais... que me recommendo muito!

— Bem daremos essa resposta!

E os dois, cumprimentando fria e desdenhosamente o Quim, sahiram.

(Continúa.)

Gervasio Lobato.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Duração da faisca electrica. — A duração da faisca electrica produzida entre os polos d'uma machina tem uma influencia de tal sorte rapida, que escapa aos meios ordinarios de medida.

Este facto está admittido. Comtudo alguns sabios suppunham que certas particularidades observadas sobre as imagens photographicas das descargas electricas, podiam ser devidas a vibrações da camara negra ou da placa.

M. Wimshurst quiz esclarecer este ponto e collocou em um compartimento escuro ante os polos da machina electrica um apparelho photographico, cuja placa era fixada sobre um disco, ao qual um jogo de carretos imprimia uma velocidade de 2:500 voltas por minuto. O disco sendo lançado com todo o impulso determinou a descarga entre os polos.

Cousa alguma na photographia, obtida n'estas condições, indica qualquer movimento da placa sensivel: a imagem em toda a sua extensão fica tão nitida, tão clara, como se a placa estivesse absolutamente fixa.

Esta experiencia apresenta um duplo interesse: prova que a faisca electrica tem uma duração infinitamente curta e que a placa visivel póde de repente apanhar a imagem n'essa fracção infinitissima de tempo!

O seculo do vapor. — Assim denominou um economista distincto o seculo que está findando.

Por um trabalho communicado á sociedade dos engenheiros civis, em Paris, vê-se que a força total desenvolvida de todas as machinas do mundo inteiro é de 46 milhões de cavallos. Esta força equivale ao trabalho de cerca de 1:000 milhões de homens ou de quasi toda a população do globo.

Os principaes paizes entram n'este total: a Austria com milhão e meio de cavallos-vapor, a França tres milhões, a Allemanha quatro milhões e meio, a Inglaterra sete milhões e os Estados-Unidos sete milhões e meio.

O que é para lastimar em tudo isto é que esses *1:000 milhões de homens-vapor* em vez de trabalharem unicamente para o bem estar dos homens de carne e osso, o empreguem não poucas vezes a alimentar cousas nocivas que os dizimam.

Os torpedeiros. — Reconheceu-se que estes barcos de guerra tem grandes defeitos de construcção e vae-se emfim modificar todo o systema seguido até hoje. O barco será cortado á altura da parte fluctuante de maneira que o casco é reconstruido na sua parte superior sob novas formas menos inclinadas. Os apparelhos e objectos de armamento serão todos utilisados.

O peso será um pouco augmentado e portanto a estabilidade obtida á custa da reducção da ligeireza primitiva.

Dizem os entendedores que não é certamente por essa transformação que augmentará o valor militar d'estes barcos, pois nada ha que possa impedir que sejam disformes, deslocados e atreitos a fazerem agua quando o mar estiver agitado.

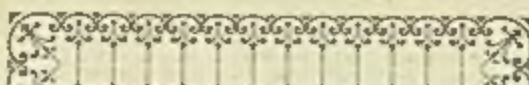
A photometria. — No Congresso dos electrisistas parece que entre as questões que pedem uma solução rapida, se discutirá a photometria se bem que ella não figure no programma do dito congresso.

Sabe-se que a *bugia-metro* é dada como unidade na illuminação electrica. Essa unidade não tem relação alguma com a quantidade despendida.

O congresso terá por fim n'este assumpto difinir a intensidade photometrica d'um fóco luminoso, e fixar-lhe a unidade pratica dando a essa unidade um nome especial que a differenceie de todas as outras unidades mais ou menos empiricas empregadas até hoje.

Hão de precisar-se e difinir-se em seguida todas as outras quantidades photometricas e as unidades que lhe servem de medida commum, procurando dar-lhes os nomes apropriados em relação á sua difinição.

Ha-de difinir-se a claridade o brilho intensivo d'um foco luminoso, o fluxo da luz produzido pela origem que por analogia ao fluxo da força produzida pelo polo magnetico é igual a 4π vezes a intensidade do fóco; a quantidade da luz que por analogia com a quantidade de electricidade se deve applicar ao producto da intensidade d'um fóco, luminoso durante a illuminação

N'um momento em que a illuminação electrica toma desenvolvimento tão rapido e tão importante esta questão será ouvida com muita curiosidade.

REVISTA POLITICA

Bem dizíamos nós no principio da nossa ultima revista, que a questão do pagamento da divida do antigo contracto do tabaco, daria assumpto para futuras revistas, mas nós é que não estamos resolvidos a fazer-lhes a vontade, e os nossos leitores ainda menos a lerem a relação que aqui lhes fizessemos das mil e uma interpelações que se tem succedido sobre o caso, a ponto de parecer que o parlamento não se abriu para outra cousa.

Não nos façam os leitores boneca. Não iremos perturbar-lhes a digestão, nem azedar-lhes o seu bello café de depois de jantar, com a grande estopada dos quatro centos contos, com essa velharia muito sabida, que não passa de ser uma *tramoia* como muitas outras, phrase que já agora ficará sendo parlamentar, proferida pela bocca auctorisada do sr. presidente do conselho.

Outros assumptos prendem agora as attenções das duas casas do parlamento e são: O contracto de 15 de março em substituição do de 5 de dezembro, com respeito á companhia Vinicola do Norte, e o caminho de ferro de Lourenço Marques.

Com respeito ao negocio dos vinhos as coisas voltaram á primeira forma, isto é, os negociantes do Porto fazem pressão sobre o governo para que elle derrogue esse contracto, e recorrem a todos os meios permettidos, para protestarem, fechando os seus armazens e promovendo *greves* entre os carroceiros e barqueiros, pondo na disponibilidade centenas de trabalhadores a vêr se fazem chinfrim.

Mas estes expedientes não tem produzido os resultados que elles previam, e o mais que tem conseguido é paralisar o seu commercio com o que provavelmente se sentem bem, ou pelo menos de que se não podem queixar.

E, emquanto no Porto as coisas correm assim, nas camaras as interpelações succedem-se com vigor, sem que d'essas interpelações se possa perceber positivamente quaes são os males que o tal contracto dos vinhos póde trazer.

Evidentemente esta questão está servindo de arma para derrubar o governo, e se a opposição assim o conseguir, não lhe gabamos o petisco que está preparando para seu serviço, porque lá diz o velho dictado «quem semeia ventos colhe tempestades».

Mas que querem. A opposição já declarou que o seu fim agora é deitar abaixo o governo, e então todos os meios são bons para chegar a este fim.

As medidas que o governo apresenta não são combatidas por serem boas ou más; combatem-n'as porque são do governo, e quando as coisas chegam a este ponto a opposição é a primeira a desauthorisar-se e a dar a vida ao governo que ella aliaz deseja vêr para ahi estendido.

Ora se todo este afan fosse para salvar a patria, teriamos em cada opposionista um benemerito, mas como a pobre patria é a que menos lucra n'estas mutações da scena publica, o povo olha para estas questões com a indifferença que ellas lhes merecem, e emquanto no parlamento se enfurecem os representantes da nação como se ella estivesse á beira do abysmo, a nação conserva-se serena e placida, sem mesmo se importar de vêr tão funambulesco espectaculo.

Esta é a verdade, ainda que ella pese seja a quem fôr, porque repetimos, nós aqui não fazemos politica, historiamos os factos desapaixonadamente e segundo o nosso modo de vêr.

Bem sabemos que esta independencia não sôa a contento dos interessados na politica partidaria, mas pouco nos importa isso se ella sôa bem á nossa consciencia.

A respeito do caminho de ferro de Lourenço Marques, esta questão não está ainda bem definida e parece que ella compromette mais a opposição do que o governo, porque se diz que as concessões feitas pelo ministerio de 1885 á companhia do tal caminho de ferro, prejudicam os interesses de aquella colonia, mas que o governo actual ainda mais aggravou esses prejuisos.

Entretanto veremos se a discussão esclarece o caso ou este fica como o do da divida mansa.

E agora que fallamos na divida mansa, será bom que o leitor saiba, que apparecem a cima quantas dividas mansas dormiam o somno do esquecimento e até de Inglaterra já bucejam uns tres milhões de libras, que tem dormido desde 1813!

D'esta vez vem a cansada toda para a rua, e nem a gaiola da Camara Municipal a fará recuar.

Por fim lá vae mais uma noticia: O novo partido vae augmentando; já se filiou n'elle o sr. Marquez de Valladas. Parabens.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Congresso juridico. — No dia 27 reuniu de novo o congresso sob a presidencia do sr. dr. Pinto Coelho, e principiou por se votar um agradecimento á Associação Commercial de Lisboa.

Entrou em discussão a these apresentada pela commissão do direito internacional da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que é relator o sr. Eça de Almeida — Deverá estabelecer-se por accordo internacional uma sancção penal para as infracções ás regras praticas para evitar os abalroamentos no mar? — No caso affirmativo deverão as bases para esse accordo ser préviamente fixadas, na parte technica, por peritos commissionados por todas as nações pactuantes.

Esta these foi approvada quasi sem discussão.

Em seguida foi apresentada a these de que é relator o sr. dr. Estevão José Lopes da Silveira e Castro — Devem ser punidos os crimes de furto e de roubo feitos pelos ascendentes, aos descendentes, ou por estes áquelles, excepto quando os prejudicados lh'os perdoem? O mesmo sr. apresentou esta conclusão — Que devem ser igualmente puniveis e reciprocamente perdoaveis os furtos e roubos praticados entre os ascendentes e descendentes.

Esta these foi largamente discutida terminando por ser regeitada por 42 votos contra 34.

O dia 28, domingo, foi destinado á visita á Penitenciaria Central de Lisboa, visita que se demorou até ás 4 horas da tarde.

Na penitenciaria os visitantes assistiram a uma missa celebrada pelo capellão reverendo Sanches de Castro, e que foi acompanhada a orgão.

Os nossos hospedes elogiaram muito a boa organisação d'aquelle estabelecimento, e viram com surpreza os productos das diversas industrias ali exercidas pelos presos.

Na segunda feira 29 realisou o congresso a sua 5.ª sessão plenaria, a qual principiou por se lançar na acta um voto de agradecimento aos srs. directores da penitenciaria pela maneira obsequiosa com que os srs. Pimentel e Castello Branco ali receberam os congressistas.

Entrou depois em discussão a these 9.ª de que é relator o sr. dr. Pereira Alves — Qual o systema de instituir o registro predial de forma que constitua um cadastro de toda a propriedade immobiliaria e possa satisfazer as necessidades do credito agricola.

Depois de alguma discussão foram approvadas as seguintes conclusões:

1.º — O registro não póde constituir o cadastro da propriedade particular.

3.º — O registro do dominio estabelecido por forma que produza a certeza da propriedade, ligado com o registro de interdição e mais restricções de capacidade civil, é meio poderosissimo para bem assegurar e desenvolver o credito predial.

4.º — Convem permittir a emissão de cedulas hypothecarias.

A segunda conclusão que estabelecia que a base do registro predial deve ser o cadastro, foi regeitada.

Seguiu-se a discussão da these 10.ª de que é relator o sr. dr. Antonio Augusto Chrispiniano da Fonseca — Em que sentido é urgente reformar os codigos penaes, na parte relativa ás condições da responsabilidade criminal do agente do facto incriminado e nos effeitos das circumstancias dirimentes, para que a doutrina da lei fique de accordo com as affirmações da psychologia contemporanea, da anthropologia criminal e da pathologia alienista e satisfaça ás necessidades de possivel segurança contra o crime?

Esta these cuja vastidão do assumpto daria para a exclusiva reunião d'um congresso em que só ella se discutisse, deu margem a largas discussões que se prolongaram á sessão seguinte, terminando pelas seguintes conclusões:

— As leis penaes devem attender não só aos criminosos completamente loucos, mas tambem aquelles que, sem terem as faculdades intellectuaes perfeitamente regulares, tambem não podem dizer-se completamente irresponsaveis.

— Os criminosos completamente irresponsaveis pelo facto que praticaram, e cuja liberdade é perigosa para a sociedade, devem ser para sempre recolhidos em um hospital ou asylo expressamente fundado para elles, sem as formalidades do julgamento; mas depois de verificada a sua irresponsabilidade por meio de peritos, e de ser ouvido o representante do ministerio publico e a defeza por despacho do juiz, do qual deve caber sempre recurso para os tribunaes superiores.

— Os criminosos não completamente loucos, e portanto com mais ou menos responsabilidade pelo crime que commetteram, deverão depois de examinados pelos respectivos peritos, ser julgados e condemnados a reclusão no asylo indicado por tanto tempo quanto deveria durar a pena que lhes caberia caso gosassem de um funccionamento perfeito das suas faculdades mentaes.

Seguiu-se a discussão da these 5.ª

— Que regras deverão adoptar os Estados para unificar os effeitos da diversidade originaria de nacionalidade e de domicilio e da sua mudança na ordem juridica da familia e da successão?

Teve pouca discussão esta these sendo votadas as conclusões redigidas pelos srs. drs. Laranjo e Campos.

A ultima sessão do congresso realisou-se no dia 1 do corrente sendo descutida a these, cujas conclusões apresentadas pelo relator sr. João Baptista Correia da Silva foram approvadas depois de larga discussão, e são as seguintes:

— Que o processo criminal investigatorio deve ser secreto, permettindo-se apenas aos delinquentes presumidos, para prova da sua innocencia a juncção de documentos ao processo.

— Que depois de proferido o despacho da pronuncia, o presumido delinquente, preso ou afiançado, póde requerer a rectificação da pronuncia e produzir quaesquer provas, que tiver da sua innocencia.

— Que a inquirição de testemunhas deve ser feita secretamente pelo juiz, sem a assistencia do indiciado, sendo o numero d'estas limitado a oito ou a dez.

— Que se não devem admittir testemunhas residentes fora da comarca, a não ser que o indiciado se obrigue a apresental-as em juiso.

Foram tambem approvados n'esta sessão os relatorios das theses 1.ª, 4.ª, 6.ª e 14.ª

O sr. presidente dr. Pinto Coelho propoz para que a mesa, os presidentes das secções e os congressistas hespanhoes fossem agradecer a el-rei a sua cooperação no congresso, assim como agradeceu a todos os congressistas as provas de deferencia que lhe tinham dado.

Ficaram por discutir algumas theses por falta de tempo.

As conclusões praticas d'este congresso não se podem avaliar em quanto ellas não se transformarem em lei, entretanto a luz que fizeram em muitos pontos das leis que mais precisam reformar-se em harmonia com a sciencia e as necessidades do tempo é já um passo dado para essas reformas.

Entre as manifestações obsequiosas que foram feitas aos congressistas estrangeiros, enumeram-se ainda a recepção que teve logar no Ministerio dos Estrangeiros em a noite de 24 de abril. A esta recepção assistiu todo o ministerio, deputados jurisconsultos, jornalistas e funccionarios do ministerio da justiça e dos estrangeiros.

Ás onze horas e meia abriu-se o bufete e depois houveram muitos brindes que constituiram pequenos discursos por parte dos congressistas hespanhoes e portuguezes.

O jantar offerecido aos congressistas pela Associação dos Advogados, teve logar no theatro de S. Carlos pelas 7 horas da noite de 1 do corrente.

Foi uma festa brilhante a que compareceram cerca de 200 convivas, assistindo o ministerio, altos funccionarios, membros da associação, congressistas e outros convidados, correndo o banquete muito animado por repetidos brindes affectuosamente trocados entre hespanhoes e portuguezes.

O sr. conselheiro Dias Ferreira tambem offereceu um almoço aos congressistas hespanhoes na sua casa de Cintra, e esta festa de caracter mais particular, teve grande brilho, e deixou os nossos hospedes extremamente penhorados pelo festivo acolhimento que tiveram, e pelas bellezas da encantadora Cintra.

Exposição Universal de Paris de 1889. — Foi officialmente inaugurado o grande certamen das artes, das sciencias e das industrias, na capital da França. Tinha sido escolhido o dia 5 de maio, centenario da reunião dos Estados Geraes em Versailles, para a abertura official da exposição, mas como esta data é a de um facto politico a que nem todas as nações se associam, resolveu o governo francez commemoral-o n'aquelle dia, e celebrar no dia seguinte, 6 de maio, a inauguração da exposição, afim de poderem tomar parte n'esta festa sem caracter politico, os representantes das nações que concorreram ou particular ou officialmente aquelle certamen.

Pela 1 hora da tarde salvou a torre Eiffel com

101 tiros de peça e logo chegou a guarda de honra que precedia o presidente da Republica Mr. Carnot.

A concorrencia de povo era incalculavel e quando se abriu a entrada do recinto da exposição, o mesmo povo atacou em tão grande massa as portas, que a desordem foi completa, atropelando-se e esmagando-se com a ancia de todos quererem ser os primeiros a entrar.

Sob a grande cupla central, tomou logar o presidente da Republica com o ministerio e representantes dos Estados Unidos, da Suissa, da Italia, do Mexico, do Japão e da Servia, da Allemanha e das republicas sul Americanas.

Mr. Carnot leu o discurso inaugural e terminado este, que foi muito applaudido, visitou a exposição acompanhado do ministerio, diplomatas e mais convidados, sendo muito victoriado n'essa visita.

A exposição não está ainda completamente organisada, havendo ainda bastantes secções por concluir, em que entra a de Portugal como a mais atrazada, mas calcula-se que fiquem promptas até ao fim do mez, á excepção da do nosso paiz que só para junho ou julho estará concluida.

Breve principiará o OCCIDENTE a publicar gravuras, e discripções d'esta exposição.

MORTE DO PROFESSOR PEREIRA DA COSTA. — Falleceu no dia 4 do corrente o professor de mineralogia e geologia da Escola Polytechnica de Lisboa, sr. Francisco Antonio Pereira da Costa. O fallecido contava 80 annos incompletos de idade, pois nasceu a 11 de outubro de 1809.

A educação scientifica de Pereira da Costa foi uma lucta enorme, pela falta de recursos pecuniarios e pela preseguição que lhe moveram os partidarios do regimem absoluto, privando-o do unico patrimonio que tinha, e era uma botica de seu pae estabelecida na rua da Boa Vista em Lisboa.

Quando triumphou a causa liberal pôde com muito custo obter do governo uma pequena pensão com que foi continuar os seus estudos na universidade de Coimbra, que tinha interrompido por causa da guerra de D. Pedro e D. Miguel, e sustentar sua mãe que a esse tempo ficara viuva por lhe ter morrido o esposo na guerra.

Concluidos os seus estudos foi nomeado lente de mineralogia e geologia para a Escola Polytechnica, quando este estabelecimento se fundou, em 1837. N'este logar se conservou até á morte, desempenhando-o com o maior zelo, promovendo o augmento de collecções da sua secção e vivendo exclusivamente para a sciencia. Era socio da Academia Real das Sciencias, e regeu durante algum tempo a cadeira de Introducção á Historia Natural. Em 1857 foi encarregado de fazer a carta geologica de Portugal.

Publicou duas obras sobre Paleontologia, sendo uma a respeito do homem prehistorico. Foi nomeado em 1853, membro do Conselho de Minas, e por varias vezes exerceu o cargo de director da Escola Polytechnica.

Tinha a carta de conselho e a commenda de Christo, e resignou a commenda de S. Thiago com que o governo o queria agraciar.

Elle estimava muito mais a sciencia que serviu por bons cincoenta annos, que essas honrarias que tão malbaratadas andam. Tinha razão.

EMANCIPAÇÃO DA MULHER PELA INSTRUCÇÃO — Entre os candidatos á cathedra de geologia, deixada vaga na Universidade de Edimburgo por sir Charles Newton, figura miss Jane Harrison. É a primeira vez que se dá o caso de uma mulher aspirando á toga universitaria.

Miss Jane Harrison fez os seus estudos no collegio Newham e gosa de uma grande celebridade como hellenista. Crê-se que, dada a sua extraordinaria illustração, vencerá em toda a linha os seus competidores.

Na America, faz tambem grandes progressos a emancipação da mulher. Segundo noticias dos Estados-Unidos duas raparigas obtiveram ultimamente, em exame, o titulo de commandante de navio. Uma d'ellas exercerá a sua profissão no porto de New-York e a outra no Mississipi.

Os sonetos *Anthero de Quental*, *Guerra Junqueiro* e *João de Deus* são joias preciosas que nenhum de estes grandes poetas deixaria de perfilhar.

Ao sr. Queiroz Ribeiro, poeta que para nós não era de todo desconhecido porque ainda temos presente a sua collaboração na *Folha Nova* do Porto, agradecemos a fineza de nos enviar o seu livro desejando que as edições se succedam como é natural de um trabalho em que abunda a fórma elegante e ha talento a valer.

M. B.

ARCHIVO DOS AÇORES, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos de Historia Açoriana.* Decimo volume, n.º LVI. Esta publicação continua a inserir documentos ineditos de alta valia para a historia açoriana.

OLIVIER DE SERRES, *biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos* editado pela Companhia Nacional Editora. Este notavel escriptor e philosopho francez foi em extremo dedicado aos estudos agricolas, e um dos principaes serviços que prestou ao seu paiz, foi o desenvolver a cultura da amoreira e com ella o desenvolvimento da criação do bicho de seda, com que tanto enriqueceu a França.

E' extremamente curioso este livrinho.

VILLA DE MONFORTE, (NO ALEMTEJO)

(Segundo uma photographia)

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

TARDES DE PRIMAVERA. — Sob este titulo acabamos de receber, por mão do nosso amigo o inspirado poeta Joaquim de Araujo, um livro de versos escriptos pelo sr. Queiroz Ribeiro.

Tardes de Primavera é um livro de proximamente duzentas paginas e que, além da conhecida carta — prologo de Guerra Junqueiro que anda por ahi publicada em quasi todos os jornaes do paiz, divide as suas poesias em tres secções subordinadas aos titulos geraes de *Ideal perdido — Traducções — e folhas dispersas.*

Do Ideal perdido destacamos os seguintes sonetos: *Descoberta, Amor posthumo* e *Morta* que são realmente do mais subido quilate. Das *traducções* temos versos de Victor Hugo, Campoamor e Curros Enriquez que o auctor das *Tardes de Primavera* traduz primorosamente.

Seguem-se as *Folhas dispersas* que o poeta abre com uma dedicatoria a Guerra Junqueiro. N'esta secção, quanto a nós, onde o poeta demonstra maior talento é nos *Symbolos* em que estabeleceu o parallelo entre a *pomba ideal*, o Christianismo, — e o *milhano feroz* o Jesuitismo.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES

23 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 23 A 43